



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MAYANNE MAURÍCIO DO NASCIMENTO

**“A MAIS FUNESTA DAS ENTIDADES”: O COMBATE DA SÍFILIS NA CIDADE DA
PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

**GUARABIRA-PB
2016**

MAYANNE MAURÍCIO DO NASCIMENTO

**“A MAIS FUNESTA DAS ENTIDADES”: O COMBATE DA SÍFILIS NA CIDADE DA
PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo.

**GUARABIRA-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244m Nascimento, Mayanne Maurício do
"A mais funesta das entidades": [manuscrito] : o combate da
sífilis na Cidade da Parahyba nas primeiras décadas do século XX
/ Mayanne Mauricio Do Nascimento. - 2016.
36 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de
História".

1. Sífilis. 2. Doenças Sexuais. 3. Parahyba do Norte. I.
Título.

21. ed. CDD 981.33

MAYANNE MAURÍCIO DO NASCIMENTO

**“A MAIS FUNESTA DAS ENTIDADES”: O COMBATE DA SÍFILIS NA CIDADE DA
PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Aprovada em: 17/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Azemar dos Santos Soares Júnior
Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Joedna Reis de Meneses
Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Com muito amor e gratidão à minha mãe (*in memoriam*) Marineve Maurício, que sempre pleiteou em busca de tornar-me o que sou. Ao meu amor Vinícius Matheus, por todo seu amor, carinho, paciência e apoio incondicional. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Em especial a minha orientadora Edna Maria Nóbrega Araújo, por toda a sua sabedoria e pelo amparar neste trabalho, me concedendo o aprazimento desta orientação. Saiba que tu és um dos exemplos no qual levarei por toda minha vida, e é em ti que me inspiro, pois, a tua presença sempre será lembrada onde quer que eu esteja.

Ao professor Carlos Adriano pelo ser sublime que é, e aos demais professores que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, que sempre estiveram presentes em minha vida acadêmica, principalmente aos funcionários da Coordenação de História que sempre estiveram dispostos a ajudar.

A minha mãe (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. Sou agradecida por todos os seus ensinamentos, nos quais contribuíram em minha trajetória. Sei que onde quer que esteja, está a me olhar e engrandecida da pessoa que me tornei. Você foi à peça fundamental para concretização deste trabalho. Mãe, obrigada por tudo!

A minha irmã Mayara, minha segunda mãe, que cuida de mim quando necessito. Te amo e obrigada por tudo!

Ao meu namorado por me apoiar e ficar ao meu lado nas horas de angústia. O maior dos incentivadores durante a conclusão deste curso, não media esforços para me amparar nos momentos difíceis, só tenho a te agradecer.

A minha amiga Havani, pessoa que tenho muito amor e carinho, sou agradecida pela tua amizade, teu carinho, tua paciência e por sempre acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava. Irmã, te amo e obrigada por tudo!

A Manu por sempre me socorrer nos momentos de angústia, mulher que aprendi a admirar, um ser de muita garra, exemplo de mãe e de mulher.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Havani, Livia, Nilton, Emanuella, Géssica, Drika, Mirelly. Sempre que ouvir esse trecho de The Scientist vou lembrar de vocês “Ninguém disse que era fácil, é uma pena nós nos separarmos... Oh, me leve de volta ao começo”.

A estes agradeço, a ajuda, confiança e compreensão, sem vocês este sonho não teria se realizado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE NO FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX	10
3. A SÍFILIS NA PARAHYBA DO NORTE	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

“A MAIS FUNESTA DAS ENTIDADES”: O COMBATE DA SÍFILIS NA CIDADE DA PARAHYBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Mayanne Maurício do Nascimento¹

RESUMO

Esta pesquisa investigou a repercussão da sífilis na cidade da Parahyba do Norte nas primeiras décadas do século XX. Desenvolvido a partir de jornais, revistas de maior circulação na capital, além de documentos oficiais de governo. Ou seja, os jornais *A União*, *A Imprensa*, *O Jornal*, *Revista Era Nova* e *Mensagens de Governo*, com o aporte teórico de Sérgio Carrara. A repercussão da doença foi negativa e não poderia ser outra, pois se tratava de uma doença temida por todos, acometendo qualquer um, sem distinguir sexo e muitos menos a idade. As gerações posteriores não poderiam ter nenhum resquício de sífilis para isso, acreditava-se na importância do exame pré-nupcial, como forma de evitar sua propagação. De acordo com a imprensa e com os higienistas deveria haver um cuidado com a juventude, considerados como as principais vítimas da doença, e as crianças que, também, sofriam quando portadores da sífilis hereditária. Para haver o controle da moléstia na Parahyba o *Serviço de Profilaxia de Lepra e Doenças Venéreas*, dava o suporte através do *Dispensário Eduardo Rabelo*, onde eram atendidos os sífilíticos da capital, recebendo os tratamentos comuns à época, como as injeções de “914”, curativos e procedimentos cirúrgicos. Também era comum entre os sífilíticos o uso dos “milagrosos” elixires e dos banhos termais. Os sintomas da sífilis poderiam ser confundidos com outras doenças, dificultando o diagnóstico e tratamento, levando em muitos casos ao óbito. Portanto, era considerada uma moléstia complexa, acima de tudo, desconhecida.

Palavras-Chave: Sífilis; Doenças Sexuais; Parahyba do Norte.

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: mayannemrc@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O referente trabalho discute a repercussão da sífilis na Parahyba do Norte nas primeiras décadas do século XX. Desenvolvido a partir de jornais e revistas de maior circulação na capital, além de documentos oficiais de governo. Ou seja, os jornais *A União*, *A Imprensa*, *O Jornal*, *Revista Era Nova* e *Mensagens de Governo* foram as fontes utilizadas para a composição deste estudo.

A princípio o trabalho fala da cidade, mostrando como era sua condição de acordo com o fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, apontando aspectos, como a precariedade higiênica da cidade e dos habitantes, dos maus odores, das moléstias, etc. Já na segunda parte temos a sífilis na cidade e sua repercussão, mostrando a visão de quem governava, o que era a sífilis, suas formas de contágio, transmissão e suas fases, o que a imprensa trazia aos seus leitores sobre a doença, o alto índice de contaminados, os tratamentos da época e entre aspectos.

Nos primeiros anos do século XX, a Parahyba do Norte ainda permanecia submergida em enfermidades, além disto, mostrava-se ser uma capital que se conservava do mesmo modo que os séculos passados, ausente de qualquer desenvolvimento condizente a uma capital moderna. Ou seja, “durante o século XIX e início do século XX, a cidade da Parahyba do Norte não dispunha dos requisitos básicos para qualquer cidade que se pretendesse “civilizada” nos moldes do que defendia a elite por “civilizado” naquele momento”. (ARAÚJO, 2001, p.10).

Nesse período no Brasil as palavras civilização, progresso e modernização já fazia parte do discurso elitista, apesar de não possuir características de uma cidade “civilizada”, ainda marcada pelos maus odores e pestes, a cidade da Parahyba também aspirava os aspectos modernos, inclusive a higienização dos corpos e dos espaços. Era preciso medicar a população, um requisito importante da modernidade. E claro, a sífilis não combinava nada com o propósito da época, portanto, os infectados pela bactéria *Treponema Pallidum*² receberiam a atenção dos médicos.

² *Treponema pallidum* é uma espécie de bactérias gram-negativas com forma espiral do grupo das espiroquetas, que causam doenças como Sífilis, bejel, pinta e boubas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Treponema_pallidum>. Acesso em: 2 out. 2016.

A repercussão da sífilis na cidade da Parahyba do Norte foi negativa e não poderia ser outra, pois se tratava de uma doença temida por todos. Só de ouvirem seu nome causava repúdio, as novas gerações não poderiam tê-la como herança, portanto, deveria haver um cuidado com os jovens, considerados como as principais vítimas da doença, junto a estes estavam às crianças que também sofriam quando portadores da sífilis hereditária. “Se aqueles são dignos de nossos sentimentos de comiseração, outros se nos apresentam ainda mais merecedores: são os inocentes infeccionados” (ERA NOVA, 15 jun. de 1922).

Para haver o controle da sífilis na Parahyba o *Serviço de Profilaxia de Lepra e Doenças Venéreas*, dava o suporte que antes não havia. No Brasil a criação da *Inspetoria de Lepra e Doenças Venéreas*, em 1920, foi um dos grandes feitos do *Departamento Nacional de Saúde Pública*, pois a partir da sua existência, na década de 1920, doenças como a sífilis puderam receber outro tipo de atenção, ou seja, uma repartição que atendesse os casos de sífilis e outras doenças venéreas. Assim, o *Dispensário Eduardo Rabelo* era o órgão que atendia os sífilíticos da capital paraibana, onde acompanhavam e davam o tratamento especializado para a doença.

Podemos verificar que a incidência da sífilis era elevada tanto quanto as demais doenças que atingiam o povo paraibano, uma vez que, nas medicações ministradas a sífilis é a que mais se destaca conforme o número de tratamentos disponíveis. Para ter uma ideia, de fevereiro a junho de 1932, foram contabilizados pela *Diretoria de Saúde Pública e Saneamento Rural*, 20 casos de morte na capital paraibana.

Considerando a existência da sífilis no Brasil, nossa pesquisa teve início a partir do final do século XIX, no entanto, os primeiros indícios da moléstia nas mensagens de governo no Estado datam os anos de 1921. Sem dúvidas, a história da sífilis na cidade da Parahyba do Norte é um tema relevante e que deve fazer parte da investigação de outros trabalhos.

1. A CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE NO FINAL DO SÉCULO XIX E O INÍCIO DO SÉCULO XX

Entre os anos de 1822 e 1889 a cidade Parahyba do Norte ainda possuía um ar colonial. Quase que inexistente eram as mudanças, segundo Rodriguez (1994, p.3) até os últimos dias deste século “a nossa urbe ainda apresentava as características das velhas cidades

do império colonial”, “nada mudou, ou foi mudado, no setor das habitações; perduravam os velhos hábitos”.

Seguindo o relato “sentimental” desta cidade, o autor nos leva a conhecer o passado, evidenciando todas as particularidades comuns à época, como o fato das ruas permanecerem tortuosas, sem nenhum resquício de alinhamento, casas de palha nos arredores da cidade, o abastecimento feito a partir de fontes, cacimbas e bicas. Logo, não se falava em saneamento. Segundo Mello (1985, p. 75), a cidade da Parahyba era uma “cidade pequena, antiquada e carente de diversos equipamentos urbanos”, sendo comum a existências de sítios na parte central da cidade “alguns deles com vários hectares”, não havia muita preocupação com a limpeza das ruas, nem por parte dos que governavam e nem dos que ali habitavam.

Nas cidades de maior porte a sujeira constituía uma verdadeira calamidade pública contribuindo para as constantes epidemias que grassavam no tempo da Colônia e do Império. (Ibidem, 1985, p.76).

Apesar da *Inspectoria de Hygiene* ter sido criada em 1895, a higiene propriamente dita não acontecia na cidade, pois o *Serviço de Hygiene Pública do Estado da Parahyba* só teria sido institucionalizado a partir do ano de 1911, conforme Sá (1999). Nas primeiras atuações da inspetoria a precariedade ainda era existente, havendo um único inspetor encarregado de tantas obrigações que acaba explicando a ineficiência do serviço, de acordo com a autora.

No final do século XIX, os problemas na cidade da Parahyba se agravavam. A seca fazia chegar os retirantes, o número de mendigos crescia devido à fome, a população já estava solapada pelas constantes epidemias que assolavam a cidade, a insalubridade se alastrava do corpo para as casas, e destas, para as ruas. Pouco poderia ser feito, pois o único funcionário que a higiene possuía antes da sua regularização, era o próprio inspetor, fazendo com que ficasse impossibilitado de “agir como lhe compete no meio de qualquer emergência urgente, que por ventura venha embarçar marcha dos negócios a seu cargo”. Assim as medidas de higiene pública urgiam (SOARES JÚNIOR apud CORDEIRO, 2011, p. 46).

A Parahyba no século XIX e início do século XX apresentava-se como isenta de qualquer requisito básico para uma cidade que se pretendesse ser “civilizada”, de acordo aos moldes e padrões ditos civilizadores defendidos pela elite naquele momento (ARAÚJO, 2001).

De acordo com a situação anterior, não seria estranho que nas primeiras décadas do século XX a cidade continuasse como era no século anterior, onde passaria ter a atenção das autoridades com relação às endemias e epidemias que dizimavam a população da capital.

Segundo Sá (1999), muitas eram as doenças que abalavam a pouca saúde dos paraibanos, não havia quem não tivesse pelo menos uma das febres, havia doenças do mais

baixo ao mais elevado risco, mais se considerarmos a situação que se encontrava a urbe, qualquer doença poderia ser uma grande e terrível ameaça. Podemos citar, como exemplo, a varíola, febre amarela, impaludismo, sífilis e tantas outras, que para o deleite da morte regozijava-se ao recolher abundantes almas.

Advertimos, mais uma vez que variado era o quadro das doenças que ameaçavam a vida dos moradores da cidade da Parahyba, literalmente a nós revelada como sitiada por miasmas e possuída por mendigos e retirantes infectos. [...] Balançavam presas ao único fio, a peste branca (tuberculose), a peste negra (peste bubônica), a febre amarela, a peste impaludismo, de vários tipos de febre, das câmaras de sangue, do cólera, da sífilis e tantas mais (SÁ, 1999, p.132).

Uma cidade marcada pelos maus odores, tanto dos vivos como dos cadáveres e lixos espalhados por becos e vielas. Sá (1999, p.65) fala que “os excrementos animais e humanos passaram cientificamente a entornar o caldo pavoroso que os miasmas impunham aos viventes. O outro passa a ser visto como sinal de perigo pela falta de higiene de seu corpo, que, pelo mau odor, denuncia ou prenuncia a doença”. Desta forma, o odor se associa às moléstias, ou seja, tudo o que é imundo e mal cheiroso expressaria um sentido semelhante à enfermidade.

Os corpos que vagavam nas ruas têm para si o nosso olhar, pois uma cidade também se faz a partir destes que resistem e persistem as penúrias do cotidiano, além de, serem apontados como causadores da feiura e da desordem da cidade. Ou seja, a elite atribuía aos pobres da cidade e aos sertanejos tangidos pela seca, que aqui chegavam todos os tipos de desgraça que fosse visível como afirma Sá (1999). Uma gente que “só traz o que não presta”, eram considerados os propagadores dos piores males, disseminadores de moléstias, fétidos, trapos ambulantes. Apesar de estes serem protagonistas das epidemias os ricos não estariam isentos, também eram acometidos pelas doenças, uma vez que as epidemias se espalhavam entre todos. Mais a frente à República se voltara com atenção aos pobres através das campanhas de vacinação e educação hígida, segundo Soares Júnior (2011).

A sujeira dos corpos juntava-se à das ruas. Vitimados pelas febres, parecia que a seção da terra lhes tomava os corpos... E se daqueles corpos imundos resolvesse a seção invadir os sadios? E se a quentura dos seus corpos resultasse no cozimento de seus humores, explodindo-os em pústulas? As febres e a varíola invadiram a cidade, assim como, a seca, mais uma vez. Seus suores e sanies se juntaram como os gases mefíticos exalados dos pântanos da cidade baixa, do rio Jaguaribe e da Lagoa? (SÁ, 1999, p.67).

Pobreza e sujeira estavam associadas às doenças nos discursos das elites e dos higienistas, por isso, pobre era considerado perigoso e deveria ser afastado do centro da

cidade. Tanto que a imprensa publicava constantemente discursos criticando a permanência dos pobres, quer sejam mendigos ou vagabundos, mendigando a caridade pública.

Conforme as representações do discurso das elites políticas, ou mais particularmente as dos discursos médico-higienistas do início do século XX no Brasil, a pobreza é compreendida mediante todo um complexo jogo de ações e mediações simbólicas e discursivas, como a causa maior para a ocorrência da degeneração física e, conseqüentemente, moral, dos indivíduos que (sobre) vivem em tais condições notadamente precárias de existência. Ora, segundo estas representações, se onde há pobreza parece haver sujeira e imundície, há também, e ainda mais, a prevenção dos padrões morais socialmente estabelecidos. Desse modo, o desejo de higienizar o pobre é, sobretudo, orientado no sentido de discipliná-lo a partir de uma mesma operação de higienização e normatização física e moral (OLIVEIRA, 2012, p. 6).

A partir dos discursos elitistas a pobreza justificava qualquer aspecto proveniente da degeneração, seja ele físico ou moral, diretamente associada ao modo de vida destes indivíduos, onde a precariedade que imperava suas vidas dava fundamento às “teorias” formuladas pelas “elites políticas”. Levando por esse lado, a sífilis também seria atribuída ao pobre, pois uma doença como esta só poderia vir “desta gente”, jamais uma elite contrairia este tipo de doença, pois ao pobre atribuíam a frequência aos prostíbulos, entretanto, sabemos que a doença não possui um alvo de preferência.

Sendo assim, tudo o que não fosse bem visto seria automaticamente direcionado a estes, esta afirmação implica no pensamento de que “onde há pobreza parece haver sujeira e imundície”, segundo as representações, como afirma o autor à cima. A estes restava conviver com os vários dedos apontados a sua direção, além de não possuírem todo o arsenal civilizatório que a elite se dizia ter. Ideais que se intensificaria, ainda mais, a partir do regime republicano.

Com o advento da República os ideais de ordem e progresso vieram junto com a nova bandeira. Ordem que estava relacionada com o ordenamento dos pobres e dos espaços. E o progresso com o avanço do país nos aspectos voltados a política, economia, sociedade, e até mesmo a cultura, que juntos passariam por mudanças. Outro modelo de sociedade viria com o novo regime, o país passaria por transformações, onde deveria ser apagado, de uma vez por todas, qualquer aspecto que remetesse os tempos coloniais e imperiais, tudo o que aconteceu nestes períodos deveriam permanecer no passado, assim como os antigos regimes.

As novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas pelo colonialismo e da escravidão, como se o novo regime implicasse pelo cancelamento de toda a herança do passado histórico do país (SEVCENKO, 1998, p.27).

“Esse crepúsculo promissor ao mesmo tempo do século e do novo regime, patenteava que a República viera para ficar e com ela o país romperia com a letargia do seu passado, alcançando-se novas alturas no concerto das nações modernas” (SEVCENKO, 1998, p.34).

Inicialmente, o Rio de Janeiro, então capital do país, foi o primeiro a iniciar o processo de mudanças, onde se pretendia fazer da cidade uma nova Paris, a Europa seria a inspiração, tudo seria copiado dos franceses, almejava-se as roupas, tecidos, ruas, avenidas, praças, flores, palmeiras imperiais, tudo... Desde que fosse francês. Paris era salubre, tinha luz elétrica, água encanada, prédios retilíneos, ruas largas, boulevard, não demorou muito para que médicos-sanitaristas e autoridades em geral trouxessem esta realidade para o Brasil. Nesse sentido seria reiterar essa percepção disfuncional da realidade do país e assumir que os padrões de privacidade construídos ao longo da história das sociedades europeias pudessem se reproduzir com as mesmas características no meio social brasileiro (SEVCENKO, 1998, p. 28).

As mudanças na cidade da Parahyba do Norte consistiu em tornar a aparência da cidade também moderna, viram que era necessário trazer os itens da modernidade para a urbe, como praças, bondes elétricos, ruas largas, ordenamentos das casas e o alinhamento dos prédios, até mesmo a proibição da construção de casas de palha. No conjunto das alterações e das exigências construtivas, proíbe-se através do artigo 53 do código de postura de 20 de setembro de 1859, a construção de casas de palha, bem como se exige a demolição das existentes (MAIA, 2012, p. 18). Vemos que com a implantação destes artigos o intuito das mudanças era melhorar a estética da urbe.

Agra (2004, p.2) afirma que “o advento do século XX trouxe consigo o fetiche do discurso higienista e modernizador que havia aflorado na Europa no século XIX”. Deste modo, o higienismo andaria de mãos dadas com a modernidade, a educação hígida seria um dos mais novos costumes imposto pelos médicos-higienistas, portanto, aspectos anti-higiênicos deveriam ser esquecidos, pois essas práticas só contribuía ao naufrágio da população.

Uma modernização dos ricos para os ricos, um progresso associado ao limpo, uma cidade erguida para a elite, "empurrou-se" todos os que não se encaixavam no padrão civilizatório para localidades aonde os olhos da elite não alcançassem, morros são habitados. Asilos são criados e não precisaria ser louco para tê-los como morada. Prostitutas, mendigos, bêbados, causadores da desordem, onde tê-los vagando pelas ruas não fazia parte de uma cidade moderna e civilizada. .

De acordo com este discurso, a cidade era um organismo, um corpo funcional. Assim, os corpos que estivessem doentes deveriam ser medicados, ou, em outros termos, as cidades deveriam ser asseadas, deveriam passar por um processo de higienização em busca da salubridade. Fazia-se, portanto, necessária à desodorização dos espaços públicos. (AGRA, 2004, p. 4).

Conforme os discursos da época era preciso medicar os corpos, praticar a “medicalização” da cidade. Sendo assim, Oliveira (2015) faz uma análise de alguns discursos sobre a saúde pública, doenças e higiene oriundos de médicos que viviam na Parahyba nos primeiros anos do século XX. Deste modo, Acácio Pires, então chefe da *Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural* de 1921, possuía uma visão sobre a saúde dos paraibanos afirmando que o povo estaria “bichado” por todas as mazelas existentes. E dessa forma considerava-os como um, “parque zoológico, sendo que a cada região do corpo corresponde a uma fauna especial. Não há cabeça onde não fervilhem os piolhos, corpos livres de ácaros, pés sem bichos, tripas sem vermes, sangue sem hematozoário e vísceras sem treponema” (OLIVEIRA, 2015, p.132).

Conforme a análise dos discursos médicos para se restaurar a saúde, os paraibanos deveriam agregar em seu cotidiano, uma série de medidas que seriam essências para alterar o quadro endêmico da população. Porém nos resta entender como foi feito para que os cidadãos compreendessem e adquirissem as novas práticas higiênicas. Portanto, suas vidas seriam “objetos da ciência”, isentos de suas “identidades” para que a medicina “falasse em seu lugar”, “um discurso que lhe é totalmente estranho”, como afirma o autor. (Ibidem, 2015).

Nesse período se observam as tensões dadas entre a implantação de uma nova forma de organizar a saúde segundo as concepções da medicina urbana em um espaço definido como atrasado e que conservava feições coloniais. Foi a respeito desse espaço que surgiu a inquietação em pensar que na cidade da Parahyba, não permaneciam apenas os traços físicos do período colonial e imperial. Costumes e concepções poderiam estar incrustados na forma de cuidar da saúde e de doentes, os quais concorreriam pela força da inércia, a retardar a incorporação de novos hábitos e condutas propostas pelo novo modelo de atenção (SÁ, 2011, p. 144).

As desastrosas enfermidades não seriam mais admitidas. Neste caso, a sífilis, tuberculose, febre amarela, impaludismo e tantas outras, juntamente aos seus focos, passariam ser alvos dos médicos-higienistas. Diferentemente das outras doenças, a sífilis possuía uma característica particular por ser uma moléstia atribuída aos degenerados, por isso que sua repercussão, não poderia ser outra, a não ser sua rejeição. Um mal que condenava os infectados a viver sob os olhares pecaminosos da sociedade, carregando consigo todo o

estigma da doença, toda a imoralidade e pervertimento atribuídos a ela. Enfim, este mal deveria ser combatido, pois o Estado não queria, de forma alguma, ser referência desta doença.

A cidade passou a não ser a única preocupação, o homem do campo também estava sendo dizimado pelas epidemias, que apesar de se estar longe das cidades, não estavam livres das doenças. No entanto, só puderam contar com o socorro das políticas públicas de saúde a partir de 1920. Portanto, foi criado o *Departamento Nacional de Saúde Pública*, submetido à reforma sanitária de Carlos Chagas.

Um dos efeitos mais notáveis da campanha consistiu na criação dos postos de profilaxia rural em diferentes estados, que significaram, ainda que pequeno fosse o resultado para a melhoria das condições de vida, a presença do Estado na implementação de políticas de atenção à saúde das populações que, como afirmaram Arthur Neiva e Belisário Penna (1916: 199), só sabiam de governos "porque se lhes cobravam impostos de bezerros, de bois, de cavalos, de burros". Ainda é possível afirmar que a campanha transformou em problema social, tema de debate público, uma questão que até aquele momento encontrava-se em foco especialmente nos periódicos médicos - a doença e o abandono como marcas constitutivas das áreas rurais do Brasil (FINKELMAN, 2002, p.43).

O Governo do Estado junto ao Governo Federal, financiador da *Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural*, adotaram um novo aparelho para a saúde pública do país contra as doenças, instalando postos de profilaxia como mostrará a *Era Nova*, atuando no controle das endemias.

O movimento sanitarista das décadas de 1910 e 1920 se diferenciaria daquele desenvolvido entre 1903 e 1909, que esteve voltado para a ação de Oswaldo Cruz como dirigente dos serviços federais de saúde, pois, dentre outros aspectos, daria maior ênfase ao saneamento rural e, para isso, um órgão específico seria criado (BATISTA, 2013, p. 1).

Sendo o *Departamento dos Serviços de Profilaxia Rural* – DNSP que estaria em prontidão em desenvolver medidas para o combate das endemias rurais. Junto ao *Departamento Nacional de Saúde Pública* foi criado a *Inspetoria de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas*, que atuaria contra doenças, como a lepra e sífilis (BATISTA, 2013).

A *Era Nova* mostrava o trabalho que a *Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural* estaria desenvolvendo em todo Estado, atribuindo estes feitos ao:

brilhante facultativo cearense Dr. Manoel Joaquim Cavalcante, que veio assumir a chefia do Serviço do Saneamento Rural justamente em um período delicado, em que era necessário o máximo esforço de energia e trabalho – a fim de intensificar a cruzada benéfica das hostes médicas pelo alevantamento physico e meral de uma parte de nossa população sofredora e flagellada pelos maiores males endêmicos. (ERA NOVA, 1924, s/p).

E continua:

Assim, fora da Capital, procurou o chefe do Saneamento Rural atacar sem tréguas, com os meios eficazes de combate ás molestias venereas e á syphilis, o paludismo, verminose, lepras, pestes, enfim todos estes males horrendos, terriveis inimigos da saúde publica. (ERA NOVA, 1924, s/p).

Na Parahyba do Norte o *Dispensário Eduardo Rabello* era uma instituição beneficente em que prestava gratuitamente serviços médicos oferecendo os medicamentos prescritos. A entidade atendia a população acometida pela sífilis, e também no tratamento de outras doenças venéreas.

Imagem 01: Dispensário Eduardo Rabello – Profilaxia das Doenças Venéreas



Fonte: Revista Era Nova, 01 jun. 1924.

O *Dispensário Eduardo Rabello* foi uma repartição de grande importância para a capital paraibana, seus serviços atendiam diretamente homens e mulheres portados de doenças sexualmente transmissíveis. No dispensário a população era matriculada, inscrita e de acordo com o diagnóstico clínico era submetido ao tratamento e acompanhamento.

A Prophylaxia das Doenças Venereas é, igualmente, uma parte interessantissima das realizações do saneamento rural não somente na Capital, onde o meretricio tanto se tem desenvolvido nestes ultimos tempos, mas tambem no interior, o Serviço exerce o maximo rigor no tratamento de taes doenças, difundindo preceitos e conselhos higienicos entre os inexperientes e incautos que se contaminam, muita vez, por desconhecerem os meios prophylaticos (ERA NOVA, 1924, s/p).

Observamos que as meretrizes eram tidas como responsáveis na proliferação da doença, porém pela citação compreendemos que ao serviço não cabia proibir o funcionamento dos meretrícios, sua função a de atender as pessoas que “contraísse a doença nestes lugares”, onde “preceitos e conselhos” seriam oferecidos aos indivíduos desconhecedores dos métodos profiláticos.

Quadro 1 – Número de injeções, curativos e pequenas intervenções cirúrgicas.

Injecções de:	
Neosalvarsan _____	701
Mercurio _____	6.116
Iodeto de sodio _____	511
Diversos sáes _____	650
Curativos _____	11.833
PIC _____	61

Fonte: Era Nova, 01 jun. 1924.

Neste quadro, podemos perceber os procedimentos correspondentes ao tratamento da sífilis no período, onde temos o Neosalvarsan e o Mercurio, meios que prometiam trazer a cura da sífilis na época. Entretanto, por meio destas informações podemos perceber um considerado número de pessoas que recebiam as medicações, os números comprovam que na Parahyba havia muitos casos de sífilis. Segundo a *Era Nova*, em 1924, foram matriculadas 1.019 pessoas nos dispensários, que receberam as medicações e procedimentos do quadro.

Felizmente o Neosalvarsan e outros arsenos-benzoés, os preparados mercuriais, e recentemente os sáes de bismutho, são poderosos meios therapeuticos empregados na cura da syphilis. Nos dispensários os individuos matriculados depois do exame clinico, são submettidos a um tratamento completo, obtendo quasi sempre uma melhora sensível e a cura de lesões de varias naturezas (ERA NOVA, 1924, s/p).

A sífilis era uma doença que preocupava o poder central, porém só foi tida como um problema a partir de 1921, onde Solon de Lucena, o então presidente de Estado, retratou a sífilis nas mensagens de governo como “a mais funesta das entidades mesológicas, assinalada entre as causas de grande número de males que os atormentavam”. (**Mensagem de Governo**, Solon de Lucena, 1921, p.28). Onde, associava a doença a práticas pecaminosas, tendo como antro de proliferação, os prostíbulos, “mal combatido entre os povos mais adiantados” e tida como a “desgraça inevitável da prostituição” (**ibidem**, 1921, p.28). Atribuindo aos médicos e pais, o combate dessa terrível doença e sua disseminação e, acima de tudo, a moralização que somados a higiene seriam formas de precaver a juventude desta mazela. A partir destas informações evidenciamos que a sífilis estava relacionada ao comportamento, as práticas e os ambientes frequentados pelas pessoas.

Griebeler (2009, p. 14) fala que “o enfrentamento das epidemias não se contentaria apenas com a mais importante descoberta para o combate da doença, seria necessário descobrir também os fatores associados à sua origem e manifestação em massa”. Contudo, sobre a sua origem não se tem esta informação, portanto, Carrara (1996, p.25) diz que até hoje não se chegou a uma conclusão de onde teria surgido a doença, havendo muitas “hipóteses”, o que se sabia era que nela se aglomerava sintomas, “confusos” e “inespecíficos”.

“Mal-americano”, “mal-canadense”, “mal-céltico”, “mal-de-nápoles” ou “mal-napolitano”, “mal-doscristãos”, “mal-escocês”, “mal-francês”, “mal-germânico”, “mal-ilírico”, “malgálico”, “mal-polaco”, “mal-turco”, “mal-português”, são tantos sinônimos antecedidos pela palavra “mal”, um jogo em que se passa e repassa a responsabilidade. Sendo assim, o autor fala que a sífilis sempre era a doença do “outro”, do “estrangeiro”, por isso seus variados nomes (Ibidem, 1996, p. 28).

Sendo assim, partimos em busca de compreender a repercussão da doença na cidade da Parahyba do Norte.

2- A SÍFILIS NA PARAHYBA DO NORTE

Desde meados do século XIX pode-se considerar que a sífilis estaria a habitar o nosso país, segundo Carrara (1996), já na capital paraibana a doença desperta certa preocupação as autoridades a partir de 1921, daí por diante seu nome começa a tomar destaque nas mensagens de governo, jornais e revistas da Parahyba do Norte.

De alguma forma, o sentido negativo da doença repercutiu na imprensa e no discurso de quem governava. Solon de Lucena, então presidente de Estado, em 1921, fala de seu combate contra as doenças de maior incidência na Parahyba, “vou combatendo o impaludismo e outras endemias que assolam, de modo calamitoso, as nossas populações urbanas e rurais”, uma “guerra contra os propagadores das endemias” (**Mensagem de Governo**, Solon de Lucena. 1921, p. 27-28). Desta forma, não apenas as endemias mais tradicionais faziam parte da preocupação do Estado, como também, a sífilis, este mal venéreo que ameaçava a capital pelo estigma da doença e pelas suas sequelas.

Na descrição sobre a saúde dos cidadãos vai destacando algumas moléstias, como “aneylostomiase”, o impaludismo, entretanto, a “syphilis” tomou para si sua atenção: “sem o vulto das outras, mais lenta nos seus efeitos letaes, dissimulada no seu período inicial, mal conhecida aos olhos inexpertos no período secundário, seus efeitos se fazem desastrosamente sentir na descendência, onde se esboçam, em sua plenitude, os estigmas heredo-syphiliticos e outros fenômenos a que dão lugar”. (**Ibidem**, 1921, p. 28).

Quando diz ser uma doença, “lenta nos efeitos letais, dissimulada no início e mal conhecida no período secundário”, ele se refere às várias fases da sífilis. Quanto ao termo “dissimulada”, leia-se disfarçada, pois no período primário ou ‘latente’ da doença, nada mais é que uma pequena lesão rosada (AVELLEIRA, 2006). A partir daí ocorre a evolução da doença que “disfarçadamente” vai evoluindo chegando a todos os estágios provenientes da moléstia, sendo eles, o primário, secundário e terciário.

De acordo com Avelleira (2006), a sífilis se trata de uma enfermidade infecto contagiosa, na qual é transmitida através do ato sexual, de mãe para filho pela placenta ou com o contato direto com as lesões sifilíticas nos órgãos genitais. Possui muitos e diversificados sintomas que se referem aos seus três estágios, ou seja, a fase inicial (primário), geralmente se desenvolve uma lesão sólida na pele de tonalidade rosada, para um tom avermelhado evoluindo para o cancro duro (indolor, sem inflamação, extremidades endurecidas). Em seu período secundário a doença acomete os órgãos internos, ou seja, a metástase da bactéria *Treponema Pallidum*, mais comum desta fase são as lesões pelo maior órgão do corpo, a pele. Já no último estágio, a doença é mais devastadora, pelo fato de acometer os sistemas cardiovascular e nervoso. Segundo Avelleira (2006, p. 115) “em geral a característica das lesões terciárias é a formação de granulomas destrutivos (gomos) e ausência quase total de treponemas. Podem estar acometidos ainda ossos, músculos e fígado”.

“Mal conhecida no período secundária”, isto porque algumas doenças possuíam sintomas muito parecidos com este estágio da doença, como a lepra e a boubá. A segunda muito comum a época, de acordo com os dados referentes as medicações feitas em 1928. (**Mensagem de Governo**, João Suassuna, 1928, p.52).

Imagem 05 – Medicações ministradas na Parahyba em 1928

MEDICAÇÕES MINISTRADAS	
Contra verminose	29.684
» impaludismo	17.478
» syphilis	34.422
» outras doenças venereas	17.414
» boubá	11.524
» leishmaniose	2
» tracoma	47
» tuberculose	2.631
» lepra	134
Curativos e medicações outras ..	11.608
Total	124.944

Fonte: Mensagem de Governo, João Suassuna, 1928, p. 52.

Vemos que em 1928 o número de acometidos aumentou consideravelmente se compararmos com o quadro anterior de injeções, curativos e pequenas intervenções cirúrgicas. Sendo assim, observamos que as medidas não foram suficientes para que o índice reduzisse, portanto, as medidas do governo em combater a doença continuavam sendo as mesmas, se algo tivesse sido mudado certamente o índice de acometidos não teria elevado.

E os efeitos “desastrosos” seriam pela “evolução monstruosa da doença”, ressaltando, que a sífilis em seu estágio mais avançado pode acometer o sistema cardiovascular, onde os infectados podem ser acometidos por aneurisma, acidente vascular cerebral, insuficiência da válvula aórtica, tumores cerebrais, etc. E dessa forma, levava os doentes a quadros tão distintos que muitas vezes morriam acreditando sofrer de outras moléstias. Por tanto, em sua maioria os infectados pelo *Treponema pallidum* não sabiam que o tinham, ou melhor, não imaginavam o tamanho da gravidade dessa bactéria. Sendo assim, a doença evoluía, passava por todos os estágios e findava com a morte de muitos paraibanos.

Assim, por volta de 1920, dada a multiplicidade de lesões que provocava, além dos casos comprovados de morte por sífilis (oficialmente muito poucos), a doença era responsabilizada pelos especialistas por 75% dos casos de morte por angina de peito e afecções das artérias; por metade dos casos de morte por câncer da cavidade bucal e por encefalite; e por um terço dos casos de morte por doenças nervosas e da medula, por hemorragia cerebral e por outras doenças do coração (CARRARA apud RABELO, 1996, p. 40).

Como visto anteriormente, os sintomas, eram semelhantes aos de outras doenças da época e as complicações cardíacas, vasculares e cerebrais poderiam levar a morte sem o diagnóstico conclusivo, o que mostra oficialmente como sendo pouco o número de casos de morte por sífilis na cidade.

Porém, os efeitos que “desastrosamente” sentiam a “descendência”, conforme Solon de Lucena fala se referindo aos “heredos-syphiliticos”, receptores de uma terrível herança, atualmente entendida como sífilis congênita, onde a mãe passa a doença para seu filho durante a gestação.

Uma senhora amamentava seu filhinho, uma criança robusta de organização forte, admirável, e, certa vez, compadecida pelo estado de miséria fisiológica de um infeliz rebento, immagrecido, esquelético mesmo, de uma sua vizinha, ofereceu-se espontaneamente, para amamentar-o também: e assim o fez. Qual não foi o seu espanto, dias depois, vendo que seu filhinho se ia definhando rapidamente? Pois bem; procurando, sem demora, na polyclinica mais próxima, a explicação provevel de facto tão contristador para sua alma de mãe carinhosa teve a desoladora informação medica de que seu estava contaminado de syphilis!
Affilicta, com tão grave estado do filho, procurando descobrir o meio de como se havia contaminado o pequeno, chegou, então, á certeza de que ella própria tinha sido a causadora de tamanha infelicidade!
E' que, amamentando o filho da vizinha, que era uma syphilitica completa e de cujas mazelas já participava a criança, se havia infeccionada na mama e pela mesma as transmittido ao seu inocente filhinho que nascêra absolutamente sadio (ERA NOVA, 1922, s/p).

Por esse e outros motivos que as crianças passaram, também, a ser o centro das atenções, sendo criado o *Instituto de Proteção e Assistência a Infância*, chamado de “cruzada santa” pela revista. O século XX, citado por esta como o “século da criança”, onde medidas profiláticas seriam implantadas para este público antes esquecido. “Felizmente, esse amor que se ostenta hoje, por toda parte, a criança desamparada, vale por um desagravo á indiferença e o criminoso olvido dos séculos passados” (ERA NOVA, 1921, s/p).

O jornal *A União*, 11 de maio de 1932, mostra todos os dados colhidos pela Inspectoria Medico Escolar da capital daquele ano, e por mais que em 1921 as primeiras medidas fossem tomadas para se reduzir os casos “heredo-syphiliticos” na Parahyba do Norte, em 1932, nos dados da inspetoria ainda se encontravam incidências de sífilis congênita nas escolas. “Sadios, 46; nutrição: regular, 11; bôa, 49; má, 1; carie dentaria, 92; hipertrophia de

amgdalas, 10; adenoides, 2; syphilis hereditária, 12, affecções do aparelho respiratorio, 2; affecções do aparelho circulatório, 2.” (A UNIÃO, 1932, p.8).

Anteriormente, evidenciamos o triste relato de um acontecimento de uma mãe que, acidentalmente, contraiu a sífilis e involuntariamente semeou para o filho, uma das doenças considerada “transmitidas por herança”. Uma preocupação de médicos, sobretudo dos eugenistas, temendo que gerações fossem acometidas por doenças como a sífilis.

Portanto, os exames pré-nupciais surgem como método de prevenção. Neste sentido, espelhando-se nas nações mais desenvolvidas e também nas teorias científicas da época sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento e à reprodução humana, aqueles que estavam conduzindo as transformações chegaram à conclusão que um dos maiores empecilhos ao desenvolvimento do país encontrava-se justamente na sua população, que – além de ser composta por diversas raças e pela mestiçagem destas – muitas vezes encontrava-se doente. (VOITECHEN, 2015, p.13).

Essa população acometida pela sífilis passou a ser alvo, não sendo permitido que esta contribua na constituição de outras populações, isto é, algo deveria ser feito para que suas mazelas não se tornasse uma herança para as próximas gerações, vejamos a fala de Elpidio de Almeida:

Em nossos tempos, felizmente, alguns povos interessando-se pela regeneração da raça, vão tomando medidas tendentes a evitar os perigos da herança patológica. A Grécia foi o primeiro país a cuidar do assunto, chegando ao ponto de proceder a esterilização a todos os indivíduos tarados, com o fim do benéfico de impedir a perpetuação de caracteres degenerativos da espécie (ERA NOVA, 1921, s/p).

A partir desta citação percebemos que os intelectuais que apoiavam esta ideia de “regeneração da raça” estavam dispostos a tomar medidas drásticas para que as próximas gerações não herdassem nenhuma característica patológica.

Inspirado em Estados americanos, apoiava a atitude americana em adotar leis em proibir o casamento de portadores de doenças graves. Consequentemente, este tipo de notícia passaria a ser comum na imprensa brasileira, pretendendo transmitir aos seus leitores essa conscientização, mostrando que era necessária a intervenção do Estado no aperfeiçoamento da raça. Segundo Soares Júnior (2012) no cenário paraibano as notícias de cunho eugênico surgiam a partir da década de 1920, entretanto no sudeste do país já era um assunto que rendia discussões.

Almejava-se debater questões como raça para uma melhoria da população brasileira, fazendo com que alguns médicos postulassem a exigência de uma legislação que tornasse obrigatória a realização do exame pré-nupcial e, caso fossem detectadas

doenças contagiosas como sífilis e tuberculose, se proibisse imediatamente o casamento (SOARES JÚNIOR, 2012, p.4).

Cabia aos pais iniciar esse processo eugênico, desta forma, caía sobre os progenitores à responsabilidade de conscientizar seus filhos sobre a escolha de seus pretendentes. Segundo Almeida (1921) era necessário convencer os pais, alertando seus filhos diariamente quanto a não aceitação do casamento de suas filhas caso não fosse apresentado o diagnóstico clínico dos futuros maridos comprovando não possuir nenhuma doença que comprometesse as próximas gerações.

Começava uma corrida pelos “bem nascidos”, pelos corpos perfeitos, filhos de uma elite financeira, intelectual, educada. Os países passaram a ver na eugenia uma forma de controlar homens e mulheres na busca de alcançar novas formas de bem viver, de forma industrializada e cientificamente avançada. Era uma forma de controlar a demografia e eliminar da sociedade os feios, sujus e defeituosos através da segregação. Essas práticas foram aplicadas de formas distintas de acordo com os interesses das nações (SOARES JÚNIOR, 2012, p.4).

Este discurso corrobora com os pensamentos de Solon de Lucena que, também, atribui aos pais, juntamente aos médicos, quanto à prevenção contra a sífilis:

Mal combatida entre povos mais adiantados, devido á desgraça inevitável da prostituição clandestina, se opulenta em nossas cidades e aldeias, pelo desconhecimento das noções rudimentares de hygiene. Aos médicos e paes de família cabe, em parte, o combate do mal pela disseminação das regras de hygiene e moralização inteligente da juventude” (**Mensagem de Governo**, Solon de Lucena, 1921, p. 28-29).

“Cabe, em partes”, é sabido pensar desta forma, pois médicos e pais nem sempre possuíam controle total sobre os seus filhos, sobretudo os homens. Sem atribuir a disseminação da sífilis à prostituição, mas é válido considerar que por meio desta muitos jovens desempenhavam suas atividades sexuais, onde facilmente poderiam contrair a doença e transmiti-la para suas futuras esposas, casos não muito raros.

Criada em 1920, de acordo com o Decreto n. 14.354, de 15 de setembro de 1920 a *Inspetoria de Lepra e Doenças Venéreas* era o órgão que estaria em pronto para atender os casos de sífilis em todo o Estado da Parahyba. Em 1928, funcionavam oito postos e dois dispensários espalhados entre a capital e cidades do interior para atender a população que necessitasse de suas funções (**Mensagem de Governo**, João Suassuna, 1928, p. 51).

Nos dispensarios os indivíduos matriculados depois do exame clinico, são submettidos a um tratamento completo obtendo quase sempre uma melhoria sensível e a cura das lesões de várias naturezas. O tratamento dos syphiliticos do dispensário não se limita somente ao emprego de uma outra serie de preparativos arsenicaes, de

bismutho ou mercúrio: vae mais além até o restabelecimento do doente assegurado pelo medico e pela Warsserman³ (ERA NOVA, 1924, s/p).

Segundo os dados a sífilis era uma doença que fazia parte do quadro de enfermidades que mais ocasionava a morte dos paraibanos durante a década de 1920, junto à tuberculose, paludismos, disenterias, febres, e outras doenças (**Mensagem de Governo**, João Suassuna, 1928). Porém, a sífilis matava muito mais do que os obituários comprovavam. Anteriormente, foi falado da sífilis como uma doença de múltiplos sintomas, por isso é válido pensar que muitos paraibanos poderiam ter sido acometidos por esta e não receberam o devido diagnóstico, por conta do fator múltiplo sintomático que agregava certa dificuldade em se diagnosticar a doença. A sífilis poderia está entre os óbitos denominados como moléstias gerais, do sistema nervoso, moléstias mal definidas e nas de primeira idade, as três últimas com números altíssimos⁴.

Nesse período, pensava-se a sífilis como uma doença que estaria totalmente associada à loucura, segundo Carrara (1996, p. 40-41), “irradiada pelos nervos, produzindo a loucura, a sífilis pôde então começar a ser apontada também como a causa de inúmeros atos considerados criminosos ou imorais, colocando para os peritos complicadas questões relativas à responsabilidade penal do sifilítico criminoso”.

“O grande mal”, assim, *O Jornal* (1924, p. 6) denominava a sífilis. Após a manchete, com título tão temido, a matéria fornece um dado, estimando que “60% dos casos de loucura seriam produzidos pela syphilis”. O teor da matéria fala, juntamente, dessa loucura que a sífilis causaria nos doentes, proeminente no terceiro e último estágio da doença:

É espantosa a acção da lues sobre o sistema nervoso. Póde-se afirmar que, de todos os systemas organicos, é o systema nervoso precisamente o mais atacado pelo treponema pallido, do que se póde, sem receio, deduzir e de todo syphiliticom seja de que especie fôr, tem ameaçada sinistramente a sua integridade mental (O JORNAL, 1924, p.6).

Segundo Carrara (1996, p. 40) essa associação sífilis e loucura presumem-se na doença transpassada pelos nervos, logo, nos faz entender o comprometimento das fontes psíquicas. Será que a sífilis era a única responsável pelos danos mentais ou existiria outro causador para este mal? Esta foi uma questão levantada no transcorrer da matéria, atribuindo ao uso do mercúrio parte da responsabilidade.

³ Teste para diagnosticar sífilis.

⁴ A sífilis não consiste apenas em cancrós duros e outro tipo de lesão, em seu estágio terciário está, muito além, desses sintomas iniciais, onde pode comprometer os sistemas cardiovascular e nervoso, originando mortes relacionadas a insuficiência cardíaca, aneurismas, acidentes vasculares cerebrais ou até mesmo o acometimento de órgãos, como a pele, ossos e órgãos internos (AVELLEIRA, 2006, p.115-116).

Responde Langlebert (Traité Pratique de la Syphilis) “E’ immensa a acção nociva que o tratamento mercurial” (quando intenso por injeções) exerce sobre o systema nervoso. Grande numero de doentes de syphilis cerebral são unicamente victimas indefesas do mercurialismo (O JORNAL, 1924, p, 6).

Como se vê, verdadeira caixa de Pandora, a sífilis podia produzir quase todas as doenças e, ao atacar o sistema nervoso, dar origem à loucura, às perversões sexuais, ao crime e à imoralidade. Por não encontrar barreira em qualquer órgão ou tecido, por estar em todos os lugares ao mesmo tempo, atingia o indivíduo em sua integralidade físico-moral. Como se vê, não era doença de um ou muitos órgãos, era uma doença do ser... (CARRARA, 1996, p.42).

Muitos foram os métodos terapêuticos em busca da cura da sífilis (mercúrio, salvarsan 606 e neosalvarsan 914 protagonistas nos primeiros tratamentos contra a doença), porém só com a descoberta da *penicilina* em 1943 que a sífilis começa a perder espaço nas sociedades, ou melhor, somente a penicilina não bastava. Métodos contraceptivos, juntamente ao uso do antibiótico seria a chave para o controle desta terrível enfermidade. “Seu agente etiológico, o *Treponema pallidum*, nunca foi cultivado e, apesar de descrito há mais de 100 anos e sendo tratado desde 1943 pela *penicilina*⁵, sua droga mais eficaz...” (AVELLEIRA, 2006, p. 111).

Em 1930 na Parahyba os tratamentos eram feitos a partir de injeções 914, mercuriais, “bismuthadas” e ioduradas. Estes métodos utilizados não surtiam tanto efeito na cura da doença, sendo assim, era preciso que o infectado estivesse sempre recorrendo aos postos para que a aplicação das injeções amenizasse os sintomas da doença, estavam mais para o controle da doença do que para a cura.

E quando se contraía a doença? O que fazer, além de ir aos postos de profilaxia e receber os tratamentos da época? Isto é, que elixir tomar? Se o caso fosse sífilis nos jornais de maior circulação na cidade da Parahyba poderiam encontrar a solução. Neste período era muito comum o uso do elixir como terapêutica, porções ditas altamente milagrosas que prometiam trazer a cura, não só da sífilis, como de qualquer outra enfermidade. Os fabricantes destas fórmulas mágicas não poupavam argumentos para fazer de seu produto um dos melhores que o mercado da época poderia oferecer. Havia dois que sempre estava com suas propagandas a pares, sendo o *Elixir de Nogueira*⁶ e o *Elixir 914*.

⁵ Antibiótico para o tratamento da sífilis.

⁶ O Elixir de Nogueira era um composto de noqueira, salsa, caroba e guáiaque que prometia curar “todas as doenças provenientes da sífilis e impurezas do sangue” ou “O Grande Depurativo Do Sangue”, essas são algumas das suas descrições nas propagandas. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2012/08/anuncios-antigos-do-elixir-de-nogueira.html>>. Acesso em: 02 de outubro de 2016.

Os relatos que acompanhavam os anúncios do *Elixir de Nogueira* era o maior atrativo para os leitores portadores de sífilis e outras doenças, vejamos a seguir uma das inúmeras histórias que podemos encontrar na imprensa da Parahyba do Norte:

SOFREU 16 ANNOS !

E' dever de gratidão daqueles que soffrem por longo tempo de moléstias que zombaram de outros remedios, vir prestar homenagem ao vosso preparado "Elixir do Nogueira", do farmacêutico – chimico João da Silva Silveira.

Soffri por anos de umas manchas no rosto e horroras dôres de rheumaticas proveniente de syphilis terciaria.

Tomei diversos medicamentos e nada conseguia de melhoras: tomei 9 vidros do vosso preparado "Elixir de Nogueira" e hoje, abaixo de Deus, acho-me curado das terriveis moléstias com esse grande remédio.

Sou um desses agradecidos.

Podeis fazer desta o uso que entenderdes. De vv. ss. Amg. "att." e cr. " – Carlos P. de Oliveira Lima. (Firma Reconhecida) – Conselheiro Brotero, 172 – S. Paulo.(A UNIÃO, 1932, p.7).

Imagem 06 – O GRANDE REMEDIO BRASILEIRO



Fonte: Revista Era Nova, 30 set. 1925.

Como vimos anteriormente, o *Elixir de Nogueira* na maioria das vezes, além de imagens, vinha acompanhado de algum relato comprovando a eficácia da fórmula. Muitas são as histórias reafirmando o que o elixir prometia, sobretudo, casos de sífilis. Mas a população

paraibana poderia optar por outro depurativo, que também dizia ser a cura para esta terrível doença. Eis, que o *Elixir 914*, também, teria seus anúncios estampados nos jornais e revistas durante décadas.

TENHA JUÍZO

CASAR DOENTE

Grande numero de homens casados quando em solteiros adquiriram doenças secretas ficaram com elas crônicas, eis a razão porque milhares de senhoras sofrem sem saber a que atribuir a causa destes caso. Para recuperar a saúde basta 3 vidros de Elixir 914.

Com seu uso nota-se em poucos dias:

1º - O sangue limpo de impurezas e bem estar em geral.

2º - Desaparecimento de espinhas; Eczemas; Erupções; Furunculos; Coceiras; Feridas bravas; Boubas, etc

3º - Desaparecimento completo de REUMATISMO, dôres dos ossos e dôres de cabeça.

4º - Desaparecimento de manifestações sifilíticas e de todos os incômodos de fundo sifilítico.

5º - O aparelho gastro intestinal perfeito, pois o Elixir 914 não ataca o estomago e não contém iodureto (A UNIÃO, 1932, p. 3).

Imagem 07 – Não faça isso! Já existe o Elixir 914

SYPHILIS!!!
ABORTOS ! CHAGAS ! INVALIDEZ !
RHEUMATISMO ! ECZEMAS !
UM HORROR!!!

A Syphilis produz Abortos, enfraquece o corpo de Chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralíticos. Produz Píscas, Queda do cabelo e das unhas, faz as pernas Formigarem! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Bexiga, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purificações dos ossos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Gonorreia, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Eliminar a Syphilis de casa porque não haverá Saúde não há Alegria.

ELIXIR 914! O melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Sífilis.

ATTENTADOS:
 É o único Depurativo que tem acentuados os Benefícios de especialidade dos Órgãos e da Depressão Syphilítica.

CASAMENTOS:
 Não se casar sem primeiro tomar a vidros de **ELIXIR 914**. É o mais barato de todos os depurativos porque faz efeito desde o 1º uso.

NÃO FAÇA ISSO!

JÁ EXISTE O ELIXIR 914

LEIAM MAIS!.....

O ELIXIR 914 não é só um grande Depurativo como um complexo preparado contra a Syphilis, porque contém Mercurio e qual destrói os microbios do sangue. É o único sal que deve ser usado por via gástrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago sem os dentes, não produz erupções, ao contrário, seca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodo, sendo inofensivo às crianças.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR 914:
 Appetito, regularidade dos intestinos, melhoração de que soffrem os órgãos de ventre, desaggravo de todas as manifestações syphilíticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Ossos; Realmente a saúde em pouco tempo.

Vão deitar para amanhã, comecem hoje mesmo a tomar o ELIXIR 914.
 Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Encaminhem um pequeno bilheteetto sobre a syphilis e doenças do sangue, GRATIS, a toda a pessoa que o desear. Pedir na Caixa 2 C — São Paulo.

App. pelo D. N. S. P. sob n. 26, em 21 de fevereiro de 1916.

Fonte: Revista Era Nova, 15 ago. 1925.

A princípio esta imagem trás um homem cabisbaixo, onde parece está desolado por ter contraído a sífilis e ao seu lado alguém vem trazendo a solução para seu problema. O lado esquerdo do anúncio há todos os sintomas provenientes da doença, como filhos degenerados e paralíticos. Já no lado direito temos um enunciado que fala do elixir como mais que um

remédio para manifestações sífilíticas, servindo também como depurativo do sangue, trazendo o apetite, regulando o intestino, melhoramento para os que sofrem de prisão de ventre, além do desaparecimento de todas as manifestações provenientes da sífilis e alertar as pessoas a não casarem antes de tomarem o *Elixir 914*, sendo mais baratos que os outros pela sua grande.

E quando havia uma fonte termal milagrosa? *O Jornal* trás uma matéria de um senhor que supostamente teria utilizado a aquaterapeutica para se curar de uma possível sífilis:

O que é esta fonte milagrosa, o sr. Antonio Soares, capitalista neste Estado e hoje residindo nesta capital. Há coisa de um anno o sr. Soares começou a soffrer umas manifestações de pelle, assemelhando-se, em certos pontos, as erupções eczematosas. Alguns medicos d'aqui e do Recife foram acordes que se tratava de syphilis. (O JORNAL, 1924, p. 1).

Seu Soares começou a apresentar as manifestações na pele e ao perceber que seria a sífilis, ficou angustiado, e logo a doença começou a tomar conta da face e do couro cabeludo, etc.

Soares sentindo-se deslocado no meio em que vivia, visto como o povo já o repudiava, de maneira a nem os barbeiros corta-lhes os cabelos e fazer-lhe a barba, do mesmo modo que nos bondes cada um que mais se afastasse dele porque se chamava na rua de morphetico, resolveu ir ao Rio de Janeiro, ouvir as sumidades. Lá chegando foi consultar o dr. Fernando Terra especialista em doenças de pele, que diagnosticou uma mycose, doença produzida por um cogumelo um parasita da pelle ao mesmo tempo havia alguma coisa de eczema. O dr. Terra garanti-lhe a cura em poucos dias, após submete-lo a tratamento e rigorosa dieta. De fato a melhora se fez esperar e o coronel julgando-se curado veio para esta Capital. Uma vez aqui, poucos dias passados voltaram todos os symptomas da rebelde molestia. Foi então que fiz ver-lhe os milagrosos beneficios das aguas thermaes radio-activas do Brejo das Freiras, em São João do Rio do Peixe. Seguiu para lá o nosso doente, passando 5 mezes no uso de banhos, 2 a 3 por dia, voltando, agora, perfeitamente restabelecido. (O Jornal, 1924, p. 1).

Este caso é mais um exemplo quanto às dificuldades em se constatar a doença, logo verificamos que não há uma conclusão de qual doença seu Soares tivera.

Nos dados a seguir são apresentados alguns números e baseando-se nestes interpretemos os algarismos em forma de razão, ou seja, é fatídico que a sífilis estava no quadro de doenças que desestabilizava a saúde dos cidadãos, de acordo com o número de medicações ministradas. No ano de 1929 constam 289.642 medicações feitas e dentre estas se menciona 63.459 com finalidade sífilítica, sendo assim, a partir destes dados evidenciamos o grande número de pessoas acometidas pela moléstia em todo o Estado. (A UNIÃO, 1930, p.2).

Como podemos ver é um dado que deve ser considerado, pelo fato das medicações serem em grande escala para o tratamento de sífilis. Era muito alto o índice de sífilíticos no Estado, assim vemos uma gravidade evidenciada nos números, porém, quanto ao seu destaque

na imprensa isto não ocorria, assim como as outras, mesmo tendo todos os motivos a ser considerada como um surto gravíssimo. Trata-se de um grande problema em que não chamava tanto a atenção das autoridades políticas, conforme Carrara (1996):

Com a criação, no início da década de 1920, da Inspetoria de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas e o conseqüente desenvolvimento da primeira campanha nacional de combate à sífilis, atenua-se significativamente o alarme estatístico, que sempre vinha acompanhado de reivindicações referentes a “medidas acauteladoras” e de críticas à imobilidade das autoridades diante de um perigo grave e de difusão progressiva. (CARRARA, 1996, p.121)

Até a década de 1930 a sífilis estava presente na Parahyba, portanto, a capital está inclusa nos dados oferecidos pela *Directoria da Saúde Publica e Saneamento*, encontrados no jornal *A União*. A partir dos quadros pode-se checar o total de pessoas matriculadas e medicações em todo o Estado, a partir destes fazer uma comparação dos dados referentes somente à sífilis.

Quadro 2 – Matrículas e medicações nos postos da Capital e do interior

1932	Fevereiro	Abril	Maior	Junho
Matrículas	3.148	5.163	3.600	2.219
Medicações	7.673	11.985	10.452	8.743

Fonte: Jornal A União, 30-06-1932, p.2; 07/08/1932, p.7; 08/03/1932, p. 5; 10; 25/05/1932, p.5.

Quadro 3 – Inscrições, medicações ministradas e óbitos na Capital e no interior referente à sífilis

1932	Fevereiro	Abril	Maior	Junho
Inscrições	280	348	343	272
Medicações	2.396	2.558	3.192	2.527
Óbitos na Capital	3	10	5	2

Fonte: Jornal A União, 30-06-1932, p.2; 07/08/1932, p.7; 08/03/1932, p. 5; 10; 25/05/1932, p.5.

Como vimos a sífilis era uma doença que matava, cheia de seus sintomas, complexa, acima de tudo, desconhecida. A situação era gravíssima, Carrara (1996, p.120) relata que a

população brasileira em 1920 estaria contaminada, digamos que cerca de “um quinto” dos brasileiros carregava o *Treponema pallidum* em seus corpos. Segundo o autor esta situação permaneceu intacta até a década de 1940. Apesar desse levantamento nas fontes utilizadas na produção desse trabalho só haver dados sobre a década de 1930 período em que, Carrara (1996, p. 121) houve a “suspensão da campanha antivenérea iniciada na década anterior, o alarme estatístico voltaria a crescer progressivamente e o Brasil continuaria a manter seu estatuto de país particularmente sifilizado”. Sendo assim, as primeiras décadas foram o ápice da sífilis no país e a Parahyba do Norte, também estaria como antro sifilítico, acometendo qualquer um, sem distinguir sexo e muitos menos a idade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, estas são algumas informações sobre a sífilis, onde foi feito um apanhado geral da doença. Mesmo que o trabalho seja intencionado em retratar a moléstia na capital do Estado, os dados oferecidos pela imprensa e mensagens de governo delineiam a sífilis de modo geral, incluindo, além, da Parahyba do Norte as cidades interioranas.

Constatou-se que a sífilis era mais comum do que se pensava, apesar de não haver um grande número de óbitos na capital, mas por meio das medicações ministradas no Estado percebemos a grande incidência da doença. Lamentavelmente, as fontes pesquisadas não ofereciam dados referentes apenas, a então Parahyba do Norte. Entretanto, com base nestas informações nos levou a reconhecer que incidência sifilítica na cidade era elevada, por ser a urbe mais populosa do Estado.

Quantas vidas foram arrancadas, acima de tudo, dos heredos-sifilíticos, quantas pessoas em manicômios por os atribuírem o título de degenerado, quantas esposas dividindo os sintomas juntos a seus maridos que contraíra a sífilis durante as “emoções e hormônios” da juventude, ou até mesmo, produto da infidelidade. Por isto, é válido considerar a sua obscuridade, todos os sinônimos antecidos pelo termo mal e a culpa que sempre era do outro, como aponta Carrara (1996). Doença que surtou em todos os hemisférios, significando suas várias origens. Como dizia um sifilógrafo brasileiro na década de 20: “A sífilis ninguém a quer, nem como hóspede, nem como vizinha e muito menos como patrimônio histórico ou de família” (CARRARA apud ALMEIDA, 1996, p.101).

Durante a realização das pesquisas podemos nos deparar com algumas dificuldades, principalmente, com relação aos documentos. Neste caso, a ausência dos jornais de 1920 foi uma situação importuna durante a elaboração deste trabalho, sobretudo, chegar aos arquivos e saber da existência dos documentos, porém, receber a informação que se encontram indisponíveis no momento, interferia diretamente na construção do trabalho. Contudo, apesar de conseguimos fazer pesquisas em outros arquivos, mudar as fontes etc. a pesquisa ficou com algumas lacunas, sendo assim, o estudo ficará como um projeto futuro, pois há muito que inserir.

Por fim, a iniciativa de se tencionar a conhecer a sífilis na capital do Estado foi com se descobrisse mais do que o desejado, digamos, que novos caminhos foram abertos, expandindo o desejo de se conhecer mais sobre as circunstâncias da doença em vertentes que não se limitam apenas a Parahyba do Norte. No Brasil ainda há uma ausência com relação a trabalhos voltados a esta doença, por isso, considerem este pequeno estudo como um incentivo aos novos estudos.

"THE MOST BALEFUL ENTITIES": THE SYPHILIS COMBAT IN PARAHYBA CITY IN THE FIRST DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY

ABSTRACT

This research investigated the impact of syphilis in the city of Parahyba do Norte in the first decades of the twentieth century. Developed from newspapers, the largest circulation magazine in the capital, as well as official government documents. That is, the newspaper The Union, The Press, Newspaper, Magazine New Era and government posts, with the theoretical support of Sérgio Carrara. The impact of the disease was negative and could not be anything because it was a dreaded disease by all, affecting anyone, without distinguishing sex and much less age. Later generations could not have any trace of syphilis for this, it was believed in the importance of prenuptial examination as a way to prevent its spread. According to the press and hygienists should be a concern for youth, considered as the main victims of the disease, and children who also suffered when carriers of hereditary syphilis. To have control of the disease in Parahyba the Prophylaxis service Leprosy and Diseases Venereal, gave support through the Dispensary Eduardo Rabelo, where syphilitic the capital were attended by receiving common at the time treatments such as injections of "914" dressings and surgical procedures. It was also common among syphilitic the use of "miraculous" elixirs and the thermal baths. Symptoms of syphilis could be confused with other illnesses, making it difficult to diagnosis and treatment, leading in many cases to death. Therefore, a complex disease, above all, it was considered unknown.

Keywords: Syphilis; Sexual Diseases; North Parahyba.

REFERÊNCIAS

AGRA, Giscard Farias. **A urbs doente medicada**: a Parahyba tossindo sangue, 1862 a 1918. In: V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA / V ENCONTRO NORDESTIVO DE HISTÓRIA, Recife: UFPE, 2004. p. 2 – 12.

AGUIAR, Wellington; OCTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos**. João Pessoa: A UNIÃO, 1985.

ALMEIDA, Elpidio. **Necessidade do exame pré-nupcial**. Parahyba, ano I, nº 3, s/p, 1921.
ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. **Uma Cidade muitas tramas**: a cidade da Parahyba do Norte e seus encontros com a modernidade (1880-1920). 2001, (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

AVELLEIRA, João Carlos Regazzi; RANGEL, Giuliana Cristina Bottino. **Sífilis**: diagnóstico, tratamento e controle. Disponível em: <<http://www.anaisdedermatologia.org.br/sumario/95>>. Acesso em: 03 out. 2016.

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Sífilis e Saúde Pública na Bahia (1920-1930)**. Disponível em: <<http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/44248.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2016.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/q6qbq/pdf/carrara-9788575412817.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2016.

CARRARA, Sérgio. **A geopolítica simbólica da sífilis**: um ensaio de antropologia histórica. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000300002>. Acesso em: 08 out. 2016.

COSTA, Dilma Fátima Avellar Cabral da. **Entre ideias e ações**: lepra, medicina e políticas públicas de saúde no Brasil (1894-1934). 2007, (Tese) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese2007_COSTA_Dilma_Fatima_Avellar_Cabral_da-S.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FERREIRA, Luiz Otávio. **Uma interpretação higienista do Brasil**: medicina e pensamento social no Império. Disponível em:

<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4948&Itemid=358>. Acesso em: 07 ago. 2016.

FINKELMAN, Jacobo (Org.). **Caminhos da saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/sd/pdf/finkelman-9788575412848.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

GRIEBELER, Ana Paula Dhein. **A concepção social da sífilis no Brasil**: Uma releitura sobre o surgimento e a atualidade. 2009, (Monografia de Especialização), Curso de Saúde Pública, Departamento de Medicina Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Florianópolis, 2009. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17934/000725339.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/7bzx4/pdf/hochman-9788575413111.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

LABRA, Maria Eliana. **Movimento sanitaria dos anos 20**: da conexão sanitária internacional a especialização em saúde pública no Brasil. 1985. (Dissertação de Mestrado) Administração Pública, Departamento de Administração Pública, FGV, Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/8655>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

MAIA, Doralice Sátyro. Ordem, higiene e embelezamento na cidade alta e na cidade baixa: a modernização da cidade da Parahyba – Brasil. **Revista Convergência Crítica**, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2012.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti; SANTOS, Leonardo Querino Barbosa dos. “**Só é sujo quem quer (?) – Representações médicas na Paraíba do início do século XX**”. Disponível em: <www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/7482/4717>. Acesso em: 07 ago. 2016.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti et al. “A ordem antes do progresso: o discurso médico – higienista e a educação dos corpos no Brasil do início do século XX”. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 9, n. 1, p.2-15, 2012.

PRIORI, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. João Pessoa: A UNIÃO, 1994.

SÁ, Lenilde Duarte de. **Práticas terapêuticas e praticantes de cura na cidade da Parahyba – 1889 a 1920**. Disponível em: <www.here.abennacional.org.br/here/vol2num2artigo10.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016.

SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. **Vivências urbanas e conflitos culturais: intervenções e ações na medicalização da sociedade manauara da Belle Époque**. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9366/6458#.V8RQQlSrLrc>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 3 v.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. 2011, (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_azemar_soaresjr.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Semana médica: eugenia e educação higiênica na Paraíba (1927)**. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Azemar%20dos%20Santos%20Soares%20Junior.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2016.

VOITECHEN, Fábio. **O exame pré-nupcial, nas páginas da imprensa jornalística, nas teses médicas e na assembleia constituinte: 1926-1934**. 2015, (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160663/337973.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

FONTES

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 08 out. 2016.

Jornais e folhetins literários na Paraíba no século XX. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>>. Acesso em: 08 out. 2016.

Provincial Presidential Reports. <Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/para%C3%ADba>>. Acesso em: 08 out. 2016.